



A PELE DA FOCA, A PELE DA ALMA

Durante um tempo que outrora foi, e agora desapareceu para sempre, mas voltará em breve, há, dia após dia de céu branco, neve branca... e todas as pequenas manchas à distância são pessoas ou cães ou ursos.

Aqui, nada prospera a pedido. Os ventos sopram com força, pelo que as pessoas vêm vestidas com as suas parkas e mamleks, botas, de lado, agora de propósito. Aqui, as palavras congelam ao ar livre, e frases inteiras devem ser quebradas dos lábios do orador e descongeladas no fogo para que as pessoas possam ver o que foi dito. Aqui, as pessoas vivem no cabelo branco e abundante da velha Annuluk, a velha avó, a velha feiticeira que é a própria Terra. E foi nesta terra que viveu um homem... um homem tão solitário que, ao longo dos anos, as lágrimas tinham esculpido grandes abismos nas suas bochechas.

Ele tentou sorrir e ser feliz. Ele caçava. Estava encurralado e dormia bem. Mas ele desejava companhia humana. Por vezes, quando uma foca se aproximava, no seu caiaque, lembrava-se das velhas histórias sobre como as focas já foram humanas, e a única recordação desse tempo eram os seus olhos, capazes de retratar esses olhares,

esses olhares sábios e selvagens e amorosos. E, por vezes, sentia uma tal sensação de solidão que as lágrimas corriam pelas fendas bem usadas do seu rosto.

Uma noite caçou para além da escuridão, mas não encontrou nada. À medida que a lua se elevava no céu e os blocos de gelo brilhavam, chegou a uma grande rocha manchada no mar, e parecia ao seu olhar aguçado que sobre aquela velha rocha havia movimento do tipo mais gracioso.

Remou lenta e profundamente para se aproximar, e ali no topo da poderosa rocha dançavam um pequeno grupo de mulheres, nuas como no primeiro dia em que se deitaram sobre as barrigas das suas mães. Pois bem, ele era um homem solitário, sem amigos humanos exceto na memória - e ficou a assistir. As mulheres eram como seres feitos de leite lunar, e a sua pele brilhava com pequenos pontos prateados como os do salmão na primavera, e os pés e as mãos das mulheres eram longos e graciosos.

Tão bonitas eram elas que o homem sentou-se atordoado no seu barco, a água a enrolar-se, levando-o cada vez mais perto da rocha. Ele conseguia ouvir as mulheres magníficas a rir... pelo menos pareciam rir, ou era a água a rir-se à beira da rocha? O homem estava confuso, de tão deslumbrado. Mas de alguma forma a solidão que pesava no seu peito como uma pele molhada



foi levantada, e quase sem pensar, como se estivesse destinado, ele saltou em direção da rocha e roubou uma das peles de foca ali pousadas. Escondeu-se atrás de um afloramento e empurrou a pele de foca para o seu qutnguq, parka.

Logo uma das mulheres chamou com uma voz que era a mais bela que já tinha ouvido... como as baleias a chamar ao amanhecer... ou não, talvez fosse mais como os lobos recém-nascidos a cair na Primavera... ou, bem não, era algo melhor do que isso, mas não importava porque... o que estavam as mulheres a fazer agora?

Estavam a colocar as suas peles de foca, e uma a uma as mulheres focas estavam a escorregar para o mar, a gritar e a chorar alegremente. Exceto uma. A mais alta delas procurava alto e baixo pela sua pele de foca, mas não a encontrava em lado nenhum. O homem sentiu-se encorajado - pelo quê, não sabia. Saiu da rocha, apelando-lhe: „Mulher... sê... minha... esposa. Eu sou... um homem... solitário.”

„Oh, não posso ser esposa”, disse ela, „pois sou dos outros, os que vivem temeqvanek, por baixo”.

„Sê ... minha ... esposa”, insistiu o homem. „Em sete verões, devolver-te-ei a tua pele de foca, e poderás ficar ou partir, como desejares”.

A jovem mulher foca olhou-lhe bem na cara com os olhos que, nas suas verdadeiras origens, pareciam humanos. Relutantemente, ela disse: „Irei contigo. Depois de sete verões, será decidido”.

Assim, com o tempo, tiveram um filho, a quem deram o nome de Ooruk. E a criança era ágil e gorda. No Inverno, a mãe contava a Ooruk histórias das criaturas que viviam debaixo do mar, enquanto o pai talhava um urso ou um lobo em pedra branca com a sua longa faca. Quando a mãe levou a criança Ooruk para a cama, apontou através do buraco de fumo para as nuvens e todas as suas formas. No entanto, em vez de contar as formas de corvo, urso e lobo, ela contou as histórias de morsa, baleia, foca, e salmão... pois eram essas as criaturas que ela conhecia.

Mas com o passar do tempo, a sua carne começou a secar. Primeiro, descaía, depois rachava. A pele das suas pálpebras começou a descamar. Os pêlos da sua cabeça começaram a cair para o chão. Tornou-se naluq, branca mais pálida. A sua gordura começou a murchar. Ela tentou esconder o seu coxear. Cada dia os seus olhos, sem que ela o quisesse, tornavam-se cada vez mais lentos. Ela começou a estender a mão para encontrar o seu caminho, pois a sua visão escurecia.

E assim foi, até uma noite em que a criança Ooruk foi acordada pelos gritos e sentou-se direito nas suas peles adormecidas. Ele ouviu um rugido como um urso que era o seu pai a desdenhar a sua mãe. Ouviu um grito como o de um anel de prata sobre uma pedra que era a sua mãe. „Escondeu a minha pele de foca há sete longos anos, e agora chega o oitavo Inverno. Quero que aquilo de que sou feito me seja devolvido”,



gritou a mulher foca.

„E tu, mulher, deixar-me-ias se eu ta desse”, disse o marido.

„Não sei o que faria. Só sei que devo ter aquilo a que pertengo”.

„E deixar-me-ias sem mulher, e o rapaz sem mãe. Tu és má”.

E com isso o marido rasgou a aba da porta de lado e desapareceu na noite.

O rapaz amava muito a sua mãe. Ele temia perdê-la e assim chorou até adormecer... apenas para ser despertado pelo vento. Um vento estranho... parecia chamar-lhe:

„Oooruk, Oooruuuk”.

E da cama subiu, tão apressadamente que pôs a sua parka de cabeça para baixo e puxou os seus mukluks apenas a meio caminho para cima. Ouvindo o seu nome ser chamado vezes sem conta, ele atirou-se para a noite estrelada, estrelada. „Ooooooooouuuk”.

A criança correu para o penhasco com vista para a água, e lá, longe no mar ventoso, estava uma enorme foca prateada, a sua cabeça era enorme, os seus bigodes caíam no peito, os seus olhos eram amarelos profundos.

„Ooooooooouuuk”.

O rapaz desceu o penhasco e tropeçou no fundo sobre uma pedra - não, um feixe - que tinha rolado de uma fenda na rocha. O cabelo do rapaz chicoteou na sua cara como mil rédeas de gelo.

„Ooooooooooruuk”.

O rapaz abriu o embrulho e sacudiu-o - era a pele de foca da

sua mãe. E ele conseguia cheirá-la através dela. E ao abraçar a pele de foca na sua cara e inalar-lhe o cheiro, a sua alma bateu-lhe como um vento repentino de Verão.

„Ohhh”, ele chorou de dor e alegria, e levantou de novo a pele para o seu rosto e de novo a alma dela passou através da dele. „Ohhh”, chorou de novo, pois estava a ser preenchido com o amor sem fim da sua mãe. E a velha foca de prata afundou-se lentamente sob a água.

O rapaz subiu o penhasco e correu para casa com a pele de foca a voar atrás dele, e para dentro de casa caiu. A sua mãe varreu-o e a pele para cima e fechou os olhos em gratidão pela segurança de ambos. Ela puxou a sua pele de foca. „Oh, mãe, não!” chorou a criança.

Ela voltou-se para ele com um olhar de amor terrível nos seus olhos. Pegou no rosto do rapaz nas mãos, e soprou-lhe o seu doce fôlego para os pulmões, uma, duas, três vezes. Depois, com ele debaixo do braço como um feixe precioso, ela mergulhou no mar, para baixo, e para baixo, e ainda mais para baixo, e a mulher foca e o seu filho respiraram facilmente debaixo de água.

Ela recolheu a criança, enfiou-a debaixo do braço, e metade correu e metade tropeçou em direção ao mar crepitante.

„Oh, mãe! Não! Não me deixes!”

Ooruk chorou.

E logo se pôde dizer que ela queria ficar com o seu filho, ela queria, mas

algo a chamou, algo mais velho que ela, mais velho que ele, mais velho que o tempo.

E nadaram fundo e fortes até entrarem na enseada submarina das focas, onde todo o tipo de criaturas jantavam e cantavam, dançavam e falavam, e a grande foca prateada que tinha chamado a Ooruk do mar nocturno abraçou a criança e chamou-lhe neto.

„Como te sentes lá em cima, filha?“ perguntou a grande foca prateada. A mulher foca olhou para o lado e disse: „Magoei um humano... um homem que deu tudo de si para meter. Mas não posso voltar para ele, pois serei prisioneira se o fizer“.

„E o rapaz...“ perguntou a velha foca. „O meu neto?“ disse ele com tanto orgulho que a sua voz tremeu.

„Ele tem de voltar, pai. Ele não pode ficar. Ainda não é tempo para ele estar aqui connosco“. E chorou. E juntos choraram.

E assim passaram alguns dias e noites, sete para ser exacto, durante os quais o brilho voltou ao cabelo e aos olhos da mulher foca. Ela ficou com uma bela cor escura, a sua visão foi restaurada, o seu corpo recuperou a sua gordura, e nadou intacta. No entanto, chegou a altura de devolver o rapaz à terra. Nessa noite, a velha foca avô e a bela mãe do rapaz nadaram com a criança entre eles. Voltaram, voltaram e subiram até ao mundo do topo. Aí, colocaram gentilmente Ooruk na costa pedregosa ao luar.

A sua mãe assegurou-lhe: „Estou

sempre contigo“. Toca apenas no que toquei, nos meus pauzinhos de fogo, no meu ulu, na minha faca, nas minhas esculturas de pedra de lontras e no meu foca, e eu vou soprar para os teus pulmões um vento para o canto das tuas canções“.

A velha foca prateada e a sua filha beijaram a criança muitas vezes; finalmente rasgaram-se e nadaram para o mar, e com um último olhar para o rapaz, desapareceram debaixo das águas. E Ooruk, porque não era a sua época, ficou.

À medida que o tempo foi passando, ele foi-se tornando um baterista e cantor poderoso e um criador de histórias, e diz-se que tudo isto aconteceu porque, quando criança, ele tinha sobrevivido a ser levado ao mar pelos grandes espiritos focas. Agora, nas brumas cinzentas da manhã, por vezes ainda pode ser visto, com o seu caiaque amarrado, ajoelhado sobre uma certa rocha no mar, parecendo falar com uma certa foca fêmea que frequentemente se aproxima da costa. Embora muitos tenham tentado caçá-la, vez após vez têm falhado. Ela é conhecida como Tanqigcaq, a brilhante, a santa, e diz-se que embora seja uma foca, os seus olhos são capazes de retratar aqueles olhares humanos, aqueles olhares sábios e selvagens e amorosos.